

A QUALIDADE DO PÃO QUE SE COME PELA manhã, o estado das ruas por onde se anda, a situação do trânsito, a eficiência da drenagem em dias de chuva, o funcionamento do serviço de limpeza urbana, os resultados das políticas de segurança pública. Apesar dos alardeados e estudados efeitos de uma globalização, hoje quase tudo que tem efeitos diretos na qualidade de vida está cada vez mais próximo de cada pessoa. Longe de uma aldeia global, é nos espaços de decisão que ficam dia a dia mais perto da população que se definem as políticas que vão ter impacto imediato na vida de cada um.

Por outro lado, não dá para negar que há espaços no mundo atual que não podem mais ser compreendidos no âmbito das formas de organização e gestão até hoje existentes. As finanças, a mídia, a tecnologia de ponta, tudo isso é hoje pensado não nos marcos tradicionais de regulação, mas em um espaço mundial.

Com essa concentração de poder nos pólos extremos da organização política — o local e o global — o que acontece com os Estados nacionais, que em toda a modernidade foram o parâmetro para definir a gestão política e econômica dos espaços? “O Estado nacional está sendo comido, de certa maneira, por cima pelo processo de globalização e por baixo pelo processo da localização. O Naisbitt [John Naisbitt, futurólogo] chamou isso de paradoxo global. Isso é simultâneo, globalização e localização”, afirma o economista Ladislau Dowbor.

Essa reorganização do poder político no mundo tem conseqüências diametralmente opostas. No plano local, permite uma redefinição dos conceitos de cidadania, em que as decisões passam a estar mais próximas das pessoas, mais próximas dos problemas e das demandas. O que permite uma participação muito mais direta de cada membro de uma comunidade, de um bairro, de uma cidade. Uma nova democracia que começa a surgir. “Não basta você votar uma vez a cada quatro anos para prefeito. Você quer ser consultado sobre que tipo de soluções de saúde, segurança são adotadas. De certa maneira, nós estamos evoluindo para a cidadania participativa”, avalia Dowbor.

UM CAOS GERENCIAL

Globalização de um lado, localização de outro. Em meio à reorganização das esferas de poder, os Estados nacionais tornam-se inviáveis do ponto de vista gerencial, com estruturas grandes demais para resolver questões locais e insuficientes para a gestão das relações internacionais. No meio dessa crise de gerenciamento, surgem conglomerados transnacionais que ditam as regras nas relações internacionais, sem enfrentar qualquer forma de regulação. **Por Érico Firmo**

NO VÁCUO D



DO ESTADO

“Indiscutivelmente o Estado nacional está sendo comido por cima pelo processo de globalização e por baixo pelo processo da localização. Isso é simultâneo, globalização e localização.”

Um processo de localização que, no Brasil, ainda esbarra na estrutura gerencial centralizada no Estado nacional. Enquanto na Suécia 72% dos recursos públicos são administrados pelos municípios, no Brasil esse índice é de apenas 15%. Aqui, o orçamento ainda é administrado de forma distante das pessoas, dos problemas, das demandas, da capacidade de decisão dos fóruns de gestão local que se multiplicam cada vez mais. “Por toda parte está se gerando uma certa autonomia, porque o cidadão gosta de influir sobre que árvores vão plantar na

rua dele. Porque não uma fruteira, com a fruta que ele gosta, em frente a casa dele? Isso é plenamente possível. Na África do Sul, o documento básico de desenvolvimento local está descentralizando radicalmente as políticas”, afirma o economista.

Mas se as conseqüências da perda de poder do Estado para o poder local pode levar à construção de uma sociedade em que cada um tenha o direito de intervir de forma direta nas decisões políticas, o esfacelamento dos Estados nacionais em virtude da globalização tem efeitos opostos. “A perda de capacidade de gestão internacional por parte dos Estados está levando a uma perda de governança global. Simplesmente porque ninguém controla as grandes empresas de especulação financeira, que fazem o que querem pelo planeta. Isso está desarticulando as formas de organização no planeta todo”, avalia.

Nascido na França, de origem polonesa e naturalizado brasileiro, Ladislau Dowbor é formado em economia política pela Universidade de Lausanne, na Suíça, e doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, Polônia. Professor titular no departamento de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Metodista de São Paulo, foi durante dois anos professor de finanças públicas na Universidade de Coimbra.

Foi também coordenador técnico do Ministério de Planejamento da Guiné-Bissau entre 1977 e 1981 e atuou como consultor do então secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, na área de assuntos políticos especiais entre 1980 e 1981. Coordenou ainda projetos de organização de sistemas de gestão econômica, principalmente na Guiné Equatorial e na Nicarágua, na condição de assessor técnico principal da ONU. No período de 1989 a 1992 foi secretário de negócios extraordinários da prefeitura de São Paulo, atuando principalmente nas áreas de meio

DOWBOR: “O Estado nacional está sendo comido pelo processo de globalização e pelo processo da localização.”



“Uma frase em um relatório das Nações Unidas que é interessante. Para eles o Estado nacional se tornou grande demais para as pequenas coisas e pequeno demais para as grandes.”

ambiente e de relações internacionais, na gestão de Luíza Erondina.

Hoje é consultor de vários governos, como Costa Rica, África do Sul e Equador, atuando principalmente na organização de sistemas descentralizados de gestão econômica e social. Foi também consultor de governos na Mongólia, na Polônia, na Suíça, em Mali, no Chile e no Equador. No Brasil, além da prefeitura de São Paulo, trabalhou com municípios do oeste do Paraná, da zona da mata norte de Pernambuco, com diversos municípios de Santa Catarina, além de Santos e Santo André. No Ceará, já ministrou um curso para gestores e conselheiros de um grupo de pequenos municípios do interior. Presta assessoria a diversas agências das Nações

Unidas e é conselheiro da Fundação Abrinq, do Instituto Polis e da ONG Transparência Internacional. Faz também parte do Conselho da Comunidade Solidária.

É autor de diversas publicações, incluindo “O que é Poder Local?”, pela Editora Brasiliense. O livro “Formação do Capitalismo Dependente no Brasil” foi publicado na Polônia, na França e em Portugal. O livro está esgotado, mas está disponível na íntegra no site <http://www.dowbor.org>, juntamente com diversas outras publicações técnicas e científicas.

Ladislau Dowbor esteve em Fortaleza para discutir políticas de desenvolvimento regional com técnicos do Banco do Nordeste. Nesta entrevista exclusiva à Poder Local ele fala sobre os espaços políticos e gestão no século XXI. E aponta indícios de uma conjuntura que pode levar ao fim dos Estados nacionais como hoje conhecemos.

Poder Local. *Faz sentido falar de poder*

local hoje? Qual é a tendência da organização dos poderes: poder local ou aldeia global? São espaços contraditórios?

Ladislau Dowbor. Todo mundo está sensível a um processo de globalização. Agora, se você olhar o cotidiano prático da tua vida, a escola do teu filho, a qualidade da rua onde você vive, se é arborizada ou não, as guias e sarjetas. Tudo isso é local. O médico da família, ter um rio limpo ou não na vizinhança, ter emprego ou não. Isso é local. Então, grande parte da nossa vida, do nosso cotidiano, está centrada no local. Agora, tem coisas que se globalizaram. Os eixos de globalização são, essencialmente, as finanças, que vão impactar o local. As finanças se globalizam, a mídia está se globalizando. Isso é importante também, porque a informação que temos, ela é deficiente no plano local. E há um terceiro eixo de globalização, que são os produtos mundiais. O carro, hoje, é um produto mundial. O computador é um produto mundial, e tem uma série de coisas. Mas nós não estamos todo dia comprando carro, comprando vídeos, comprando coisas produtos mundiais. Então, na verdade, nós temos uma dinâmica ligada a esses três eixos, que são controlados essencialmente por empresas transnacionais. Em particular nas finanças. E nós temos um conjunto de atividades extremamente importantes, ligadas ao nosso cotidiano, que são predominantemente locais. Não há uma guerra entre o local e o global. Há uma articulação. No centro dele está colocada a qualidade de vida. Uma vida com mais segurança, com mais tranquilidade, com mais amizades, com mais sociabilidade. E de certa maneira temos que assegurar que a parte globalizada da economia se coloque a serviço dessa qualidade de vida nossa, em vez de a gente está a serviço delas.

Poder Local. *Com o fortalecimento*

desses dois pólos, o local e o global, o que acontece com os Estados nacionais, que durante toda a Modernidade foram o centro do poder político-econômico?

Ladislau Dowbor. Tem uma frase que vem em um relatório das Nações Unidas que é interessante. Eles dizem que o Estado nacional se tornou grande demais para as pequenas coisas e pequeno demais para as grandes. Então, indiscutivelmente o Estado nacional está sendo comido, de certa maneira, por cima pelo processo de globalização e por baixo pelo processo da localização. O Naisbitt chamou isso de paradoxo global. Isso é simultâneo, globalização e localização. Inventaram até uma palavra, que é uma barbaridade, que é globalização. Esse conjunto.

Poder Local. *O fenômeno da globalização está relacionado às necessidades do liberalismo econômico, ou neoliberalismo, personificado no Consenso de Washington. E o processo de localização do poder, como ele se desenvolve?*

Ladislau Dowbor. O local está assumindo essa dimensão grande porque o mundo se urbanizou. E no Brasil isso é particularmente importante, porque o Brasil se urbanizou de maneira muito acelerada. Nós temos hoje 82% da população em cidades. Em 1950 nós éramos essencialmente um país de população rural dispersa. Isso é importante, porque quando o grosso da população era a população rural dispersa, todas as decisões se tomavam no Estado nacional. Na capital. Onde havia ministérios, técnicos, bancos. Hoje, com a urbanização, nós temos milhares de cidades no país, e cada cidadezinha tem seu banquinho, tem sempre um engenheiro, tem gente formada. De certa maneira, a base de um forte Estado nacional mudou. Porque o grosso das res-



“A perda de capacidade de gestão internacional por parte dos Estados leva a uma perda de governança. Simplesmente ninguém controla as grandes empresas de especulação financeira.”

postas às necessidades do nosso cotidiano se dão na nossa cidade. Então se entende essa descentralização da máquina do Estado no seu conjunto.

Poder Local. Isso se resolve no plano local. E no plano mundial, como é que fica a gestão com esse enfraquecimento do Estado? Como pensar a administração desse novo espaço que se cria?

Ladislau Dowbor. Para cima é mais problemático, porque nós não temos governo mundial. E a perda de capacidade de gestão internacional por parte dos Estados está levando a uma perda de governança global. Quando você olha como a Argentina foi jogada na crise, tem raízes internas, mas tem sólidas raízes no movimento especulativo internacional. Foi assim que foi gerada a crise na Rússia, foi assim que foi gerada a crise na Tailândia e em outros cantos. Simplesmente porque ninguém controla as grandes empresas de especulação financeira, que fazem o que querem pelo planeta. E se um país aperta em um lugar, elas simplesmente mudam a sua sede para outro lugar. Isso gerou um poder muito desequilibrador de grandes empresas transnacionais. Se você vê o comportamento das megaempresas hoje, não só a Parmalat, a Enron você tem dezenas e dezenas de grandes empresas que estão sendo processadas pelos mais variados tipos de fraudes. Porque há um segmento de economia global que não obedece a nenhum governo. E onde se faz o que se quer. Isso está desarticulando as formas de organização no planeta todo.

Poder Local. Esse poder global, então, concentra-se nas transnacionais com o esfacelamento dos Estados?

Ladislau Dowbor. Basicamente, hoje são entre 500 e 600 empresas transnacionais. Porque, por exemplo, você tem uma empresa que fabrica no mundo

aqueles motorzinhos de limpador de pára-brisa. Ela pode ser multinacional, porque ela equipa carros dos mais variados países. Mas ela não tem poder. Quem tem poder são as empresas de produtos terminais. As montadoras de carro, os investidores institucionais, como Soros e outros, a Bayer e outros que são da área farmacêutica. São os grandes grupos, como a Microsoft. No conjunto, são cerca de 500 a 600 grupos que fazem mais ou menos o que querem. A capacidade de controle sobre eles é extremamente limitada.

Poder Local. A China não é uma exceção nesse processo?

Ladislau Dowbor. A China, pelo seu peso específico, é uma montagem curiosa de centralização política forte, que por sua vez lhes permite uma descentralização econômica forte e uma grande eficiência. Uma desburocratização. É muito interessante como forma de crescimento. A China tem suficiente cacife, com seu um bilhão e 300 milhões de habitantes, para, se uma empresa americana quiser entrar, mesmo sendo grande, ela vai dizer à empresa onde ela vai se instalar, e não a empresa que vai ficar pulando de município em município para ver quem oferece mais isenção de impostos ou terreno grátis e etc. Ou seja, a China usa as relações internacionais a favor de seu desenvolvimento. Nós não temos muito essa força.

Poder Local. Essa incapacidade gerencial da maioria dos Estados nacionais tem conseqüências também no cotidiano?

Ladislau Dowbor. Ela gera, por exemplo, sobrepesca nos oceanos. São grandes empresas hoje de pesca industrial. São indústrias flutuantes, que localizam e mapeiam as rotas dos peixes com apoio de satélites, e não escapa um para contar a história. A realidade é que estamos destruindo a principal base de

vida do planeta, que são os mares. Você tem grandes redes, como Burger's King e McDonald's etc., que fazem um trabalho intenso de penetração nas escolas. Nos Estados Unidos, onde esse processo avançou muito, elas pagam às escolas para entrar, ou doam computadores em troca de poderem se instalar dentro das escolas. O que faz com que tenha uma geração de crianças e jovens nos Estados Unidos que tem problemas elementares de alimentação, porque não comem frutas, não comem legumes, não têm minerais, não tem um conjunto de necessidades supridas. Que faz com que hoje se tenha 30% de obesos nos Estados Unidos. É uma tragédia. Essas coisas são sustentadas por grandes empresas de publicidade, que trabalham essencialmente com esses grupos de empresas transnacionais. A oficina mecânica da esquina não faz publicidade, essas coisas. O gasto com publicidade hoje é de US\$ 430 bilhões, para você ter uma idéia de volume de recursos que entram. Você tem a Nike, que vende a US\$ 70, US\$ 100 um tênis que custa US\$ 10 para produzir.

Poder Local. Essa mudança na concepção do valor, que se desloca da produção para o simbólico, é fruto dessa realidade global?

Ladislau Dowbor. Isso é fruto dessa ponte. A mídia é controlada hoje por alguns grandes grupos. A Time-Warner. Você tem gente de poder planetário como o Murdoch (Rupert Murdoch, megaempresário australiano, controlador da The News Corporation Limited, com sede na Austrália, mas com negócios também nos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Ásia e América Latina. Em volume de negócios, o News Corporation é o quarto maior grupo do mundo), como Ted Turner (proprietário do grupo CNN) e outros. E esse poder midiático se traduz em coisas práticas.

A economia depois da indústria

“O paradigma do lucro e da competição aplicado às novas áreas, como a saúde, é destrutivo”, defende Ladislau Dowbor

A té meados da primeira metade do século XX, o eixo central da economia dos Estados Unidos era a indústria automobilística. Em seguida, o primeiro, lugar passou a ser ocupado pela indústria bélica. Hoje, o principal setor econômico da maior economia do planeta é a saúde, que responde por 15% do Produto Interno Bruto (PIB) estadunidense. E a participação da saúde só faz crescer. As projeções é de que a participação na economia chegue a 17% do PIB em 2010. A totalidade dos setores manufatureiros industriais é responsável por 16% da economia norte-americana. E o peso da indústria só tem diminuído nos últimos anos. O setor industrial está acompanhando, com algumas décadas de atraso, o descenso do peso relativo da agricultura, que hoje ocupa 2,5% da população dos Estados Unidos.

As tendências da economia nos Estados Unidos é um parâmetro interessante para pensar as tendências do capitalismo mundial, já que lá se encontra em um nível mais avançado. Mas esse deslocamento da esfera de valor é mais radical que o ocorrido na transição da agricultura para a indústria. “Quando a riqueza vinha da terra era compreensível o feudo. Porque a riqueza vem da terra, o dono da terra cerca uma região e diz: ‘Isso é meu. Tudo que se produz aí, eu tenho que ter uma parte’. Quando se entra na economia industrial, você monta a fábrica e põe a portaria e põe o relógio de ponto. O que se

produz ali dentro, você paga oito horas de trabalho e o resultado do produto é seu. Quando você faz saúde, como é que é isso?”, indaga Dowbor.

Para o economista, cria-se um paradoxo quando a economia, o lucro, é estruturada em torno de um setor como a saúde. Um bom sistema de saúde é aquele que tem pouca medicina curativa, organizando-se em torno da prevenção. Água limpa, educação alimentar, saneamento básico, política de limpeza urbana são alguns pilares de uma política de saúde que tem como resultado a redução do número de doentes. O que, para uma empresa de saúde, implica em poucos clientes. Há casos de hospitais sendo processados porque pagavam aos médicos para encaminharem doentes, independente da necessidade. “O paradigma do lucro e da competição aplicado às novas áreas, como a saúde, é destrutivo”, diz Ladislau Dowbor. “É só você olhar o que acontece com os planos privados de saúde, que hoje são dirigidos por seguradoras, que por sua vez são dirigidas por empresas financeiras. O resultado prático é desastroso em termos de saúde. Eles não querem saúde preventiva. Saúde preventiva é menos cliente.”

A perspectiva de extrair o maior lucro possível dos serviços é danosa também na área de educação e cultura. Na Alemanha, que tem uma das melhores estruturas educacionais do planeta, é tudo público. Nos Estados Unidos, as boas universidades dizem que são privadas. Como a minha universidade é privada, a PUC de São Paulo. Mas é sem fins lucrativos. Toda organização interna, o

tipo de ensino que a gente faz, é com objetivos científicos. E as grandes americanas, Harvard etc., são sem fins lucrativos. São privadas, são pagas, são fundações, mas você não vai encher a sala porque aluno é dinheiro e contratar professores baratos porque professor é custo. Coisa que é só olhar aqui em volta as fabriquetas de diploma que você tem por aí”. Para Dowbor, a consequência é óbvia: nos novos setores econômicos que surgem, o paradigma da competição não funciona.

“Como a saúde, a educação, essas coisas só funcionam com gestão participativa, os pais, associações de usuários e coisas do gênero, você está construindo uma democracia menos centrada no lucro, mais centrada na qualidade de vida”.

Essa mudança de escala de valor leva as empresas da era industrial a tentarem entrar no setor de serviços, levando para lá a mesma lógica da produção e competição. O que leva, hoje, a uma guerra na Organização Mundial do Comércio, em torno da questão da propriedade intelectual, decorrente da diferença entre a patente de um produto e a patente sobre a propriedade intelectual, que é conhecimento, sob o paradigma do conhecimento, a melhor forma de ampliar a produtividade social é permitir o crescimento da quantidade de conhecimento, aumentar a densidade de conhecimento, compartilhar o conhecimento, em última instância. O paradigma da colaboração. “É uma evolução para uma sociedade mais colaborativa. Não é fazer desaparecer a competição. O padeiro de uma esquina vai querer fazer o pão melhor que o pão da outra. Isso é bom. O que não pode é a construção de uma guerra social permanente”, acredita Ladislau Dowbor.



Nossos filhos passam quatro, cinco, seis horas diariamente frente à televisão. Você tem um bombardeamento de mensagens como nunca antes houve na história da humanidade. Essas mensagens e toda essa máquina é financiada pela publicidade. São hoje cerca de US\$ 430 bilhões investidos. Uma soma gigantesca. Só para você ter uma idéia, para colocar em escolas todas as crianças do mundo que estão fora da escola, seriam necessários US\$ 6 bilhões suplementares. Que não



se consegue. Mas a publicidade gasta US\$ 430 bilhões. Para ver o tamanho do volume de dinheiro. Essa publicidade, por sua vez, ela é paga e incorporada no preço dos produtos. Ela sai do nosso bolso. Quando nos dizem na TV: “Esse programa é oferecido gentilmente pela empresa não sei das quantas”, é uma bobagem, porque na compra dos produtos a gente está pagando esse processo. Essa articulação da megaempresas, gigantescos gastos em publicidade, que é um materlamento de slogans consumistas permanente, ar-

ticulada com o poder das 500 ou 600 transnacionais, está levando a uma mudança cultural que é preocupante.

Poder Local. Isso tem também impacto na configuração cultural da sociedade, transformando educação em mercadoria?

Ladislau Dowbor. Nós temos hoje, por exemplo, a Pearson, que é uma grande empresa, dona do Financial Times, cuja área é finanças. Comprou uma das maiores editoras acadêmicas dos Estados Unidos, e a sua diretora está decla-

“A China é a montagem curiosa de centralização política forte, que por sua vez lhes permite uma descentralização econômica forte e uma grande eficiência. Uma desburocratização.”

rando que o filé mignon de atividade deles agora vai ser escola. A França já está combatendo duramente isso, porque está dizendo que cultura, educação, o conhecimento, quer dizer, as riquezas, as tradições de um país têm que ser minimamente respeitadas. Não dá para virar tudo um McDonald's. Agora, essa coisa se financia. Quando perguntaram para a Nike: "Como é que vocês vendem a US\$ 100 um tênis cujo custo físico de produção é menos de US\$ 10?". Eles responderam: "Não vendemos tênis, nós vendemos emoções". Na realidade, isso permite vender um produto dezenas de vezes mais caro. Que, por sua vez, paga a publicidade, paga as TVs, paga o convencimento que se faz de que a gente precisa daquele produto. Quando você tem um molequinho que tem muito pouco dinheiro, ele raspa as gavetas e se rala ou até assalta para poder ter um Nike no pé, ele não tem um tênis no pé. É o Michael Jordan, é o poder. Isso é preocupante, porque isso não é simplesmente ser contra ou a favor. Essas coisas são necessárias, é bom que haja empresas que produzam diversas coisas. Mas dentro de determinados limites. Antigamente em cada país se regulavam os processos econômicos através dos governos, dos Bancos Centrais. Como no espaço planetário não há governo mundial, então nas finanças os grupos de especulação financeira estão quebrando países. Você fala uma expressão que às vezes a gente não pensa: a Argentina é a bola da vez. Como a bola da vez? Não é jogo de sinuca, é um povo, cara. Milhões de pessoas que perderam as suas poupanças. Não é brincadeira.

Poder Local. O que essa falta de regulação da ação das gigantes transnacionais implica para a gestão política e econômica do planeta?

Ladislau Dowbor. O mecanismo des-

se processo foi muito bem descrito por Joseph Stiglitz. Que é um economista americano. Foi economista-chefe da presidência, do governo americano. Depois foi economista-chefe do Banco Mundial. E ele mostra como isso se processa. No caso da Argentina, por exemplo, você teve uma grande empresa de especulação financeira, dirigida por um americano de origem árabe, chamado El Erian. Ele pegou empréstimos em pesos na Argentina em grande volume. Os bancos argentinos, encantados. Uma grande financeira americana pedindo empréstimo, é garantido. Ele pegou bilhões em pesos. Na época, peso e dólar era um por um. Ele saiu comprando dólar. O bolso dele, não de dinheiro dele, mas de pequenos poupadores americanos, tinha US\$ 180 bilhões. As reservas argentinas não chegavam a US\$ 15 bilhões. Ele limpou as reservas, os bancos locais também entraram no jogo. Empresas locais que tinham dívidas em dólar ficaram preocupadas, também saíram comprando dólar. Resultado: sumiu o pequeno estoque de reservas. Tiveram que fechar os bancos, o tal do corralito. Quando reabrem os bancos, o dólar está a três e meio. Que faz o senhor El Erian? Vende uma parte dos dólares que ele comprou. Só que vende a três e meio. Ele comprou a um. Para cada bilhão empatado, ele levou para casa 600 milhões, sem ter produzido um par de sapato. Quebrou uma economia. E ele deu uma entrevista de página inteira na Folha de S. Paulo dizendo que ele acha excelente o governo brasileiro e que ele gosta muito de investir no Brasil. Isso é importante de entender porque esses capitais não têm interesse de um ou de outro país. Eles querem é se rentabilizar. E enquanto alguém não

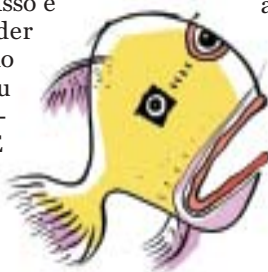
disser que isso ou aquilo não pode, eles vão estar quebrando economias.

Poder Local. Esse processo também deixa rastros no Brasil?

Ladislau Dowbor. É notório que no país a nossa dificuldade de financiar desenvolvimento está presa a esse processo. Tanto do sistema de especulação internacional como ao cartel de bancos que se formou no Brasil, que cobram tarifas completamente absurdas, que cobram juros completamente absurdos. Coisas realmente obscenas. Alguns deles se dão ao trabalho de financiar umas escolas, de arborizar umas encostas, para dizer que eles são ambientalmente e socialmente responsáveis. Agora, o sistema financeiro responsável tem que ser responsável não ajudando uma escolinha e depois fazendo publicidade sobre isso, mas fazendo a atividade de banco, a atividade de crédito de maneira responsável e inteligente. O sistema financeiro que quebra um país não é um sistema inteligente.

Poder Local. O poder local pode se constituir de alguma forma como contraponto a esse fluxo global de capital? Disputar o poder nesse vácuo deixado pelo Estado?

Ladislau Dowbor. Se você olha um país como a Alemanha, 50% de toda a massa de poupança dos alemães, que é uma massa gigantesca de dinheiro, não está em grandes bancos. Está em pequenos bancos públicos municipais. Como as pessoas fazem a sua poupança em bancos locais, os bancos municipais reparam esse dinheiro melhorando a escola, abrindo o hotelzinho, financiando pequenas iniciativas de produtores locais e etc. De certa maneira, você gerou a estrutura financeira que corresponde à necessidade de uma



Organização e mobilização

Nada se compara, em produtividade, com a Pastoral da Criança, diz Dowbor. Nem na área privada nem na pública.

Empresas de tabaco dos Estados Unidos foram condenadas a pagar cerca de US\$ 260 bilhões por causa do dano causado pela propaganda de cigarros. A decisão, de grande repercussão política, foi em grande parte motivada pela pressão da Associação norte-americana de pessoas idosas, uma organização que tem algo em torno de 90 milhões de participantes, que colocou todo seu peso organizado na mobilização para pressionar pela condenação das gigantes do cigarro. "É curioso, porque não é política tradicional. É uma associação que não é um partido político. Não é o sindicato. São novas formas de organização da sociedade civil, que estão gerando outros instrumentos de expressão cidadã", avalia Ladislau Dowbor.

Um exemplo das novas formas de organização social e ação política que pode ser visto no Brasil é o trabalho desenvolvido pela Pastoral da Criança. Uma organização não-governamental que tem 62 pessoas que coordenam 155 mil voluntários em 3.150 municípios. Nos locais em que atua, a Pastoral é responsável por 50% da queda da mortalidade infantil. O gasto por cada criança atendida fica em torno de R\$ 3. "Não tem um plano de saúde, um hospital privado, um sistema de grande máquina estatal que se compare em produtividade com a Pastoral da Criança", afirma Dowbor.

Grandes empresas transnacionais já estão estudando o modelo de funcionamento da Pastoral como modelo de eficiência organizacional. "É uma empresa extremamente moderna, porque ela trabalha num sistema em rede. Em vez de ter um monte de chefes e sub-chefes,

numa hierarquia burocrática, eles fazem um trabalho de grande densidade de informação a todo mundo, para que cada um possa aprender um com o outro com o que está dando resultado".

Há, porém, quem critique o fato de se tratar de uma ação desenvolvida pelo trabalho de voluntários. Dowbor, contudo, defende o modelo de gestão. "Para obter esses resultados de conforto e bem-estar das crianças, e portanto das mães e das famílias, se fosse pelo meio clássico teria que gastar rios de dinheiro com médicos, com medicina curativa". O que faz da Pastoral da Criança, a opinião do economista, uma atividade econômica altamente rentável. "Isso que não é gasto com médicos é como se fosse ganho nesse processo. Uma organização desse tipo é

Os especuladores financeiros não produzem nada. Eles não aumentam a riqueza do planeta. O negócio deles é competir, ver quem arranca dinheiro de quem.

muito lucrativa e não é organizada com fins lucrativos. E ela gera muito mais lucro social do que grandes empresas. Isso está trazendo novos pensamentos sobre forma de organização empresarial".

A concepção de eficiência e resultados em prol de um coletivo, baseada na organização dos próprios sujeitos tem, talvez, como exemplo maior o Linux, os sistemas abertos, os softwares livres. Uma matéria de capa publicada na revista norte-americana Business Week constata a ampla superioridade técnica do Linux em relação aos produtos da Microsoft. A revista indaga: como uma iniciativa de dezenas de milhares de pessoas

espalhadas pelo planeta, trabalhando gratuitamente, de boa vontade e até com prazer, é capaz de gerar um produto tecnicamente melhor que uma empresa tradicional, que gasta rios de dinheiro, tem grandes empresas de advogados para esconder seus segredos e fazer patentes, compra a peso de ouro os melhores arquitetos de informação e engenheiros de informática do planeta?

Na opinião de Dowbor, há uma mudança de paradigma. A propriedade privada, a patente só faz sentido para produtos tradicionais da era industrial. Quem produz um sapato só vai entregá-lo a outra pessoa em troca de dinheiro, que vai permitir a compra de material para produzir outro sapato. Quando a matéria-prima é o conhecimento, bens intangíveis, a situação se altera. "Se eu passo o meu conhecimento para você, eu continuo com ele. Se eu passo meu sapato, eu quero uma contrapartida. Então tem propriedade privada. Veja a que ponto o deslocamento dos eixos de produção da indústria

tradicional para as novas áreas, áreas intensivas em conhecimento, áreas sociais, está levando a outro paradigma de organização".

Nessa nova ordem, há uma alteração, inclusive, daquilo que impulsiona o desenvolvimento. "Os setores industriais e agrícolas de produção material tradicionais estão baseados no paradigma da competição. A produtividade da Pastoral da Criança está baseada no paradigma da colaboração. Funciona muito mais. O paradigma do Linux é o da colaboração. E tem um deslocamento profundo de visões de quais são as razões que nos motivam para o desenvolvimento. É claro que os especuladores financeiros, a coisa deles é competir, ver quem arranca dinheiro de quem. Mas eles não produzem nada. Eles não aumentam a riqueza do planeta. A gente vai ter que encontrar formas que juntam crédito com colaboração. Isso é muito mais produtivo que aplicar em especulação que desorganiza países", afirma Dowbor.



gestão urbana relativamente autônoma. Essa mesma coisa que é o fato de a globalização ter gerado um conjunto de necessidades de gestão local. A escola, a guia, a sarjeta, pequena produção, a padaria, enfim. Ela precisa de uma dimensão correspondente de intermediação financeira. No Brasil, como os pe-

quenos bancos foram liquidados, nós temos alguns grupos financeiros você hoje, em vez de ter localmente pequenos bancos que dinamizem atividades locais, tem a filial de uma grande rede nacional, em que o gerente é remunerado por pontos em quanto ele consegue extrair. Isso é jogado em títulos do

governo, se a Selic está bastante alta. Ou então na ciranda financeira internacional. Então, de certa maneira quando a gente gera microcrédito, crédito solidário, bancos do povo municipais e coisas do gênero, nós estamos tentando resgatar o controle da população sobre a própria poupança.

“El Erian, especulador que quebrou a Argentina, em entrevista na *Folha de S. Paulo* disse que ele acha excelente o governo brasileiro e que ele gosta muito de investir no Brasil.”

Poder Local. Mas até que ponto é possível evitar a chegada de um Bank Boston?

Ladislau Dowbor. Isso vai ter que ser construído. Não é só a Alemanha que tem como espinha dorsal os bancos locais. O que sai na imprensa não são os pequenos bancos municipais alemães. Isso não é muito conhecido. O que sai é o Bundesbank, o Deutsche Bank. A gente conhece os grandes. Dos Estados Unidos a gente conhece o CIT Bank e outros. Muitos deles, aliás, estão articulados. Mas nos Estados Unidos, o grosso de todo o sistema de bancos é municipal, descentralizado. É muito recente a autorização dos bancos poderem trabalhar em

espaços mais amplos. As pessoas não entendiam, tempos atrás no Brasil, em tempo de renegociação da dívida, que o Citibank dirigia um consórcio de dezenas de milhares de bancos americanos. Porque um banco pequeno de uma cidade média do interior tinha

colocado parte das poupanças de sua população num empréstimo para o Brasil através do CIT Bank. Nós vamos ter que resgatar essa capacidade de poupança.

Poder Local. Qual a consequência da oligopolização do sistema financeiro nacional?

Ladislau Dowbor. No Brasil é muito grave, porque temos alguns bancos que dominam. Alguns deles, inclusive, foram comprados por grupos internacionais que não têm muitos interesses no país. Querem só extrair o máximo. Desestatizamos uma série de bancos, que tornou mais difícil esse processo de compensação. Agora, você tem grupos,

como a Caixa Econômica Federal, o próprio Banco do Nordeste, o Banco do Brasil, o BNDES, que estão fazendo grandes esforços de financiamento das iniciativas. Mais diretamente ligados às necessidades da população, para compensar a reorientação que houve do sistema privado. Eu estou convencido que esse tipo de esterilização da poupança que nossos bancos estão fazendo não vai poder durar. Isso nos levou a uma dívida hoje na faixa de R\$ 900 bilhões. O volume de juros que tem que se pagar em uma dívida desse porte é tão grande que mesmo a gente seguindo as recomendações do Fundo Monetário (FMI), de um superávit primário de 4,25%, que é muito dinheiro, 4,25% do PIB. Mas com isso nós não conseguimos pagar mais do que 50% dos juros. Que dirá restituir o principal e começar a reduzir. O resultado prático desse raciocínio é evidente. Esses últimos oito anos desse último governo, nós vivemos de cheque especial. Uma dívida que passou de R\$ 150 bilhões para R\$ 800 bilhões nos oito anos do Fernando Henrique. E a gente chamou isso de estabilidade. Uma situação extremamente preocupante, que a gente vai ter que renegociar de alguma maneira.

Poder Local. A partir da dissolução do poder do Estado, o que acontece com a cidadania, que sempre foi representada pelo direito ao voto, quando o direito de eleger o presidente deixa de ter tanta importância?

Ladislau Dowbor. Muitos autores falam, acho eu corretamente, que não há mais cidadania. Há cidadanias. Você é latino-americano, e não só brasileiro. Somos, em boa parte, cidadãos planetários. Tem um senhor que escrevia no jornal que ele quer votar para presidente dos Estados Unidos. Porque como o que os americanos fazem impacta ele

diretamente, ele tem que ter direito a votar também [risos]. O segundo ponto é que hoje não é suficiente votar para ser cidadão. Há indiscutivelmente uma cidadania local. Você pertence a uma cidade. Não basta você votar uma vez a cada quatro anos para prefeito. Você quer ser consultado sobre que tipo de soluções de saúde, segurança são adotadas. O orçamento participativo, adotado hoje em numerosas cidades, faz parte disso. O poder municipal se sente obrigado a escutar o que o cidadão quer que se faça com seu dinheiro. Antigamente tinha o prefeito que enchia a boca e dizia: “O meu programa. A minha cidade.” Não é a cidade dele. Ele está ali para construir a cidade que o cidadão quer. De certa maneira, nós estamos evoluindo para a cidadania participativa.

Poder Local. Uma cidadania que está focada no local?

Ladislau Dowbor. A cidadania participativa se exerce predominantemente no plano local. Porque você conhece tua realidade, você pode fazer parcerias, pode ir numa reunião de orçamento participativo ou numa reunião de conselho de saúde do teu bairro. De certa maneira, a grande perda de confiança no voto como elemento central da democracia é correto. Porque o voto tem que ser complementado com um conjunto de outros instrumentos de cidadania. A Calvert (gestora de fundos dos Estados Unidos) fez um fundo onde as pessoas podem aplicar seu dinheiro em empresas que não produzem armas, que não fazem especulação financeira, não produzem cigarro. Que, enfim, são responsáveis, efetivamente. Esse fundo nos Estados Unidos já tem mais de US\$ 1 trilhão aplicado. Há uma mudança no mundo que é diferente das opções de esquerda e direita às quais a gente está acostumado. É uma mudança de



CIDADANIA:
Calçadão no centro da
cidade Londrina, PR

O exemplo de Londrina

Articular interesses nos novos sistemas de construção da qualidade de vida é um investimento de grande retorno

Em Londrina, como em praticamente todas as cidades brasileiras, um dos grandes problemas era o entulho. Levado por caçambeiros para terrenos baldios em vários locais da cidade, o entulho gera doenças e despesas, tanto para a prefeitura quanto para donos de lotes, que precisam contratar outro caçambeiro para retirar o entulho ali depositado. O entulho fica, assim, girando pela cidade e gerando custos para todo mundo. O que passa a exigir uma rede de fiscais, que multam os caçambeiros que depositam o entulho em locais irregulares e, muitas vezes, levam propina. Uma guerra discreta, que se dá em grande parte durante a noite.

Para resolver o problema, a prefeitura de Londrina buscou um meio de não atrapalhar o lucro dos caçambeiros, o que geraria resistências a qualquer medida. Foi oferecido aos caçambeiros um local, um pouco afastado da cidade, em cima de um grande barranco, onde poderia ser depositado o entulho. O trabalho dos caçambeiros, assim, tornou-se uma atividade legal. Embaixo do barranco, a prefeitura colocou uma máquina, em que o entulho todo cai lá dentro. Da máquina, sai um granulado que é uma excelente matéria-prima para blocos. Assim, foi montada uma pequena fábrica de blocos para construção.

A prefeitura ofereceu os blocos para as

pessoas que viviam em favelas na beira dos córregos, que depositavam todo seu lixo e esgoto nos rios que levavam o abastecimento de água para o município, o que gerava doenças para a população, despesas para a prefeitura e lucros para hospitais e laboratórios. Os favelados recebiam os blocos em troca de se instalarem em terrenos afastados dos córregos. A prefeitura gramou e arborizou a beira dos córregos, despoluiu os rios, as casas dos favelados melhoraram e o local se tornou atração turística.

Na opinião de Ladislau Dowbor, essa articulação dos interesses nos novos sistemas de construção da qualidade de vida, do conforto social é um investimento de grande retorno econômico. Antes, havia a necessidade de desassorear os córregos, pagar as empreiteiras, cujo lucro aparecia como enriquecimento da cidade. "O padeiro de uma esquina vai sempre querer fazer o pão melhor que o pão da outra. E isso é bom. O que não pode é a construção de uma guerra social permanente, que nos empurra para soluções economicamente burras. Você vai numa empresa como consultor, você chega lá tem várias máquinas paradas, pessoas paradas. Você junta as coisas e racionaliza o uso dos recursos. É mais ou menos a mesma coisa que a gente tem na gestão da cidade. Do poder local", explica o economista.

consciência de que as pessoas querem que o mundo funcione de maneira mais decente. Os europeus decidiram, em boa parte, comprar banana da América Central só de agricultor familiar. Não querem comprar da United Fruit ou coisa assim. Aí os americanos ficam possessos. Dizem que não se deve informar ao cidadão de onde vem o produto. Ele vai comprar a banana que for pelo melhor preço. Mas não é suficiente. Isso faz parte. Nós estamos criando uma cidadania econômica em que as pessoas votam com o bolso. Gente que diz: "Eu vou aplicar no fundo Calvert porque são empresas responsáveis socialmente e não vou aplicar no Citibank". Gente que diz: "Eu não vou comprar uma coisa da Monsanto porque ela está tentando quebrar a agricultura familiar". Há uma nova dinâmica de construção da cidadania, que é em grande parte defensiva, relativamente a essa desarticulação, essa perda de governança planetária que a globalização gerou.

Poder Local. *O que significa nesse contexto a formação dos blocos?*

Ladislau Dowbor. Os blocos constituem sem dúvida uma evolução para espaços mais amplos, mas a gente se ilude muito sobre eles. Eles obedecem a dinâmicas muito diferenciadas. A União Européia surge como bloco da indignação de toda a Europa com as sucessivas guerras, em particular entre Alemanha e França. Tem a de 1870, 1914, 1939. Com gigantescos massacres. E já terminando a II Guerra Mundial, começou-se a construir uma aproximação. Inicialmente entre seis nações. No começo, eles botaram juntas as grandes empresas que empurravam para a guerra, que são as produtoras de carvão e de aço. Tanto assim que no núcleo da construção do que era o mercado comum na época estava a CECA, Comissão Européia do Carvão e do Aço. Para pôr essas empresas juntas e começar a construção. Um processo politicamente muito situado. E extremamente democrático e interessante de construção de um espaço transnacional. Hoje é a maior economia do mundo, já ultrapassaram os Estados Unidos. O Euro está se tornando uma segunda moeda mundial. Os americanos não têm mais o monopólio que lhes permitia fazer especulação em grande escala. E os equilíbrios estão mudando, o que é bom para todos nós.

Poder Local. *O que não aconteceu nos outros blocos?*

Ladislau Dowbor. O bloco norte-ame-

“Quando a gente gera microcrédito, crédito solidário, bancos do povo municipais e coisas do gênero, nós estamos tentando resgatar o controle da população sobre a própria poupança.”

ricano, o que chamam de bloco é meio bobagem. Na verdade o único bloco mesmo são os Estados Unidos. Porque tem um PIB da ordem de quase US\$ 10 trilhões. O Canadá é uma salsicha ao longo da costa, porque o Canadá útil é o que está mais para o Sul, porque depois é muito frio. Aquilo é um queijo suíço. Dizer que vai unir os dois é uma coisa meio surrealista. E do outro lado, o México servia de porta de entrada de produtos coreanos, chineses, os mais variados. Para os Estados Unidos ampliarem sua fronteira naquela parte, simplesmente racionalizou uma articulação que já existia. Não mudou muito o tamanho das economias em todo esse processo. Se você pega outro que pode ser considerado um bloco é a zona de co-prosperidade asiática. As pessoas também falam em bloco. Mas caramba, o que se tem é a pujança de uma grande economia, que é o Japão. Hong Kong é uma cidade. Agora já é China. Cingapura representa 1% do PIB japonês. Então não é assim tão bloco.

Poder Local. *E o Mercosul?*

Ladislau Dowbor. Quando a gente foi constituir o bloco do Mercosul, as pessoas achavam: "Também vamos ter o nosso bloco". Cada cidade quer ter seu bloquinho, mas não vamos exagerar. Se você soma Uruguai e Paraguai juntos, dá mais ou menos o PIB da Baixada Santista. Argentina é um pouco mais, mas não é uma coisa tremenda. Se você soma o conjunto, vai dar mais ou menos o PIB da Espanha, que é um sócio menor da União Européia. O nosso bloco é mais importante por nos permitir negociações conjuntas. Os fraquinhos se juntam e negociam melhor com os blocos realmente existentes, do que propriamente um bloco em si. Porque a gente não vai exportar para o Paraguai e resolver o problema das nossas exportações. Nós precisamos exportar para a

União Européia, para os Estados Unidos, para a China. Eu não vejo que haja um movimento para blocos, eu vejo que há uma mudança de organização geoeconômica. Com a formação da Europa, com a Rússia se rearticulando e daqui a uns vinte anos vai voltar a ser uma grande potência, com um surgimento extremamente dinâmico da China. China faz doze anos que cresce a mais de 10% ao ano. É uma coisa absolutamente fenomenal. E não é pelas multinacionais, mas pela dinâmica do poder local, essencialmente. É muito interessante o sistema chinês nesse sentido. É um redimensionamento. Mais significativo que os blocos é o fato que nós temos esse grupo de países muito ricos. Europa Ocidental, Estados Unidos e Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia. Basicamente são 24 países. Representam 15% da população mundial. E controlam 80% da riqueza mundial. Penso um pouco que dois países que estão fora dessa grande zona de prosperidade, China e Índia, só eles representam 40% da população mundial. América Latina está em caos econômico. A África está em desastre generalizado. De certa maneira, o capitalismo deu certo em um espaço relativamente limitado. A polarização Norte-Sul, assim chamada, os países ricos e pobres, é na verdade muito mais importante que o processo de formação de blocos. O tal do Terceiro Mundo.

Poder Local. *Nesse contexto, o que significa a Alca?*

Ladislau Dowbor. A Alca não nos interessa. Mas a gente não pode dizer que não nos interessa, porque o vizinho é poderoso e a gente fica meio que negociando: "Quem sabe amanhã. Quem sabe depois de amanhã". E fica empurrando com a barriga. Mas a realidade é que o poder norte-americano é muito próximo de nós. A grande força desse

governo é ter entendido que, se a gente soma economias relativamente menores em termos internacionais, mas significativas, como, por exemplo, Brasil, África do Sul e Índia, eventualmente alguns mais, nós não somos páreo para os Estados Unidos ou para a União Européia. Mas nós somos um argumento interessante. Ou seja, os Estados Unidos vão querer puxar para o seu lado, a União Européia vai querer puxar para seu lado. É natural um sócio mais fraco, entre dois poderosos, quando pressionado por um lado se chega para o outro. Nós temos que tirar vantagens do interesse tanto da União Européia quanto dos Estados Unidos de nos puxar para o seu lado. Casando com os Estados Unidos, nós vamos ser tratados como sempre fomos tratados. Um tipo de quintal, como eles tratam as repúblicas de banana e coisas do gênero. E as intervenções hoje na Venezuela, as armas que distribuem hoje na Colômbia, a zona que está se criando na Bolívia. Não nos interessa entrar nesse processo.

Poder Local. *Qual deve ser o rumo de uma política internacional?*

Ladislau Dowbor. Nós temos que reforçar esse outro bloco de interesses. Não é um bloco organizado, mas de interesses. Chegou a se chamar de G-22. Americanos estão dando dinheiro para vários países saírem dessa articulação. Enfim, a guerra está se fazendo. Mas o fato é que os quatro quintos da população mundial estão em uma situação em que não interessa manter essa dependência relativamente aos países ricos. Nós temos que nos apoiar numa aliança de vários países. México está interessado, África do Sul está interessada, Índia, outros países estão interessados. Para fazer como foi feito em Cancun, como foi feito recentemente em várias ocasiões. Dizer que nós queremos pensar um pouco melhor quando os ameri-

As razões do desemprego

A situação não pode ser resolvida só com o crescimento econômico — que leva a um aumento do poder de compra

O Brasil tem hoje 115 milhões de pessoas em idade economicamente ativa. Desses, apenas 65 milhões de brasileiros estão efetivamente trabalhando, segundo dados apresentados pelo economista Ladislau Dowbor, em palestra no centro administrativo do Banco do Nordeste, em Fortaleza. “Claro que tem sempre uma mãe que tem quatro filhos e não tem interesse em trabalhar fora. Mas ainda assim há um hiato. Nossa mão-de-obra é sub-utilizada”.

Uma situação que não pode ser resolvida simplesmente com crescimento econômico. Tradicionalmente, o crescimento leva a um aumento do poder de compra, que permite aumento do consumo, que leva a aumento da demanda e, assim, as empresas precisam contratar mais para produzir mais e atender a essa demanda. Mas hoje, com a automação, as indústrias já conseguem expandir a produção sem criar um novo posto e até mesmo demitindo empregados. O que faz com que as Nações Unidas hoje trabalhem com o conceito de “crescimento sem emprego”.

O paradoxal dessa sub-utilização da

força de trabalho é a existência das enormes demandas que o país tem. Ladislau Dowbor conta que o prefeito de Pirai costuma dizer: “Eu não tenho condição de ter desempregado. Eu tenho muita coisa para fazer”. Uma situação que Dowbor ironiza: “O país precisa de tanta coisa e nós ficamos esperando pela General Motors para criar emprego”.

O economista acredita que o caminho

Os banqueiros cobram que o país cumpra os compromissos. O que eles, lá e aqui, ganham com o Brasil é impressionante. Vai chegar o momento da discussão política.

para fazer a ponte entre as pessoas que estão desempregadas e aquilo que está por ser feito é utilizar essa mão-de-obra hoje parada para criar as infra-estruturas de que o país carece. O que hoje se torna inviável por causa, principalmente, da dívida pública do país, que não permite a aplicação de recursos na produção. “O governo paga juros de 16,5%. É melhor para os bancos investirem aí que nas micro e pequenas empresas”. Como é menos vantajoso, os juros para captação de recursos


para a produção se tornam proibitivos. É o que se chama de esterilização da poupança: o dinheiro fica na especulação. “A maioria das lojas não está vendendo produtos, está vendendo crediário. É aí que ganham dinheiro”, afirma Dowbor.

Hoje o superávit primário adotado pelo Brasil é de 4,25% do PIB. Apesar do arrocho fiscal que esse montante — gigantesco — representa, esse superávit só é suficiente para pagar 50% dos juros. Assim, a dívida, mesmo com toda a política extremamente austera adotada pelo governo, não pára de crescer. Hoje está na casa dos R\$ 900 bilhões. Para Ladislau Dowbor, a solução tem que ser política. E alternativa é a renegociação da dívida.

“Os banqueiros cobram que o país cumpra os compromissos. Falam até em ética, o que é surpreendente, banqueiro falar em ética. Mas eles têm noção de que não podem matar a galinha dos ovos de ouro. O que os banqueiros, lá e aqui, ganham com o Brasil é impressionante. Vai chegar o momento da discussão política”.

O economista acha que uma das alternativas para o Brasil é substituir a dívida econômica pelo pagamento da dívida social interna, que é parâmetro mundial para se referir às desigualdades sociais. Hoje o termo usado internacionalmente para se referir a uma ruptura interna em determinado país entre ricos e pobres é “brasilianização”. ■





“Nós temos no poder local um papel-chave, porque os nossos grandes atrasos, que são sociais, funcionam bem quando são implementados a partir dos sistemas locais de gestão.”

canos pressionam. E queremos pensar um pouco melhor quando os europeus pressionam. Ambos ficam um pouco surpresos quando eles dizem que a gente tem que abrir os nossos mercados e nós respondemos: “Sim, sem dúvida. Mas vamos ser recíprocos”. E curiosamente isso causa surpresa. No mínimo é uma questão de equilíbrio político. Por enquanto esse equilíbrio para nós ainda é muito precário. A dominação da mídia em particular é extrema por parte dos grandes países envolvidos. E dos Estados Unidos em particular. A Europa está tomando suas distâncias. Não estamos mais no tempo da Guerra Fria. A Otan [Organização do Tratado Atlântico Norte] é uma coisa bem fragilizada. As peças no tabuleiro estão mudando de lugar.

Poder Local. *Qual a importância da gestão local nessa nova ordem?*

Ladislau Dowbor. Para nós, que temos minorias ricas, segmentos modernos e grandes massas de pobreza e grande atraso social, nós temos no poder local um papel-chave, porque nos nossos grandes atrasos, que são sociais, funcionam bem a partir de sistemas locais de gestão. O poder local não é, como a gente às vezes vê, o *small is beautiful*, do Schumacher. Que é uma coisa bonita, poder local, comunidades e tal. Não é isso. Esse é o futuro. Você vai para o Canadá, você vê que funcionam e funcionam bem as cidades. Funcionam de maneira dinâmica. Funcionam nos países escandinavos. Você vê que isso é um futuro pujante de um desenvolvimento. Não é uma compensação. Não é uma economia de pobre. É o futuro. O futuro não é mais grande indústria nem essas coisas. O futuro é conhecimento, é paz, é tranquilidade, é qualidade de vida. Outras dinâmicas.

Poder Local. *O que acontece com a gestão das metrópoles nesse contexto, que sempre foram o paradigma do cosmopolitismo no tempo dos Estados nacionais fortes?*

Ladislau Dowbor. As metrópoles se tornaram as âncoras dos segmentos globalizados da economia. Você vê isso em Xangai, na China. Eu visitei os prédios de escritórios de grandes empresas transnacionais. Com toda a inteligência chinesa, em um desses gigantescos prédios de *business centers*, o terceiro andar era governo. Em vez de essas empresas saírem à procura de um ministério das finanças para obter autorização tal do ministério não sei quantas, não. Elas descem o terceiro andar e ali dentro eles que fazem os trâmites. O que é isso? É Xangai como pólo de articulação da China e da sua retaguarda com o sistema de conexões mundiais. Da dimensão globalizada das atividades econômicas. O John Friedman, da Universidade da Califórnia, trabalha com o conceito de *world city network*. Se você é um executivo de transnacionais, você vai está circulando entre Tóquio, Xangai, São Paulo, Lagos, Nova Iorque, Londres, Frankfurt. Você tem uma rede de cidades mundiais. Isso muda o papel da metrópole, porque as metrópoles se constituiriam ao drenarem uma bacia econômica interna. E é assim que São Paulo se constituiu. Drenando uma economia imensa, na época do café, parte da época do resto de mineração. Há um deslocamento do papel de uma cidade como São Paulo de bacia de drenagem da economia interna para base de apoio da relação planetária econômica de um país como o Brasil. É uma mudança de funções, que se acompanha de mudança de funções econômicas, porque você vai ter mais bancos, você vai ter mais mídia, mais atividades chamadas in-

tangíveis. Empresas de publicidade, todas essas coisas. E cada vez menos atividades tradicionais, fábricas etc., que estão deixando os grandes centros urbanos.

Poder Local. *A questão local é afetada de que forma com esse deslocamento do eixo da metrópole? O modo de gerenciamento?*

Ladislau Dowbor. Todo mundo está à procura de como administrar a grande metrópole. Então Joanesburgo tem municípios que compõem a mancha metropolitana e tem um *greater metropolitan city counsel*, um tipo de superprefeito e uma câmara municipal do conjunto. E com todas as dificuldades em encontrar os equilíbrios em quem manda no processo. Londres evoluiu de outra maneira. Como era uma comunidade politicamente forte e relativamente progressista, Margaret Thatcher resolveu quebrar a espinha dorsal política da cidadania londrina e quebrou Londres em pequenos municípios e desarticulou Londres politicamente. Você tem o exemplo de São Paulo, onde, no plano da organização metropolitana, de juntar os 39 municípios que compõem a metrópole, nós não estamos encontrando formas adequadas de articulação, de coordenação de todo o sistema. Em compensação, na área da cidade de São Paulo, os avanços foram muito grandes. Porque ao dividir São Paulo, com dez milhões de habitantes, em 31 sub-prefeituras, a gente utilizou inclusive o exemplo negativo de Londres. Então a gente descentraliza as decisões, aproximando do cidadão. Porque são 31 sub-prefeituras, já dá uma coisa mais manejável. Não são dez milhões de habitantes. Mas ao mesmo tempo é a prefeita que nomeia os sub-prefeitos. Quer dizer, você não está desarticulando politicamente.

“O poder local não é essa coisa de *small is beautiful*. Uma coisa bonitinha, poder local, comunidades e tal. Não é isso. Poder local é o futuro. O futuro pujante de um desenvolvimento.”

Você mantém a coerência das decisões. E mantém a capacidade de manter decisões que não são só impulsos pessoais do sub-prefeito. Alguns interesses são maiores. São interesses da cidade. Isso é muito importante, porque permite aproximar as decisões do cidadão. Mas as variedades são muito grandes. A França tem um sistema de descentralização. Os departamentos. E a Paris administrativa é muito pequena.

Poder Local. *Há uma crise de gerenciamento das regiões metropolitanas?*

Ladislau Dowbor. As grandes metrópoles do Terceiro Mundo estão em situação caótica. A Marta (Suplicy, prefeita de São Paulo) está conseguindo avanços muito significativos em São Paulo. Mas Rio está implodindo. Estive com o prefeito de Lagos, na Nigéria, ele me disse: “Tenho dez milhões de habitantes. Trezentos mil a mais a cada ano e nenhum emprego a mais”. “A geração de periferias exclusivas em torno das cidades resulta nesse processo de modernização que não alcançou o interior do país ainda. As pessoas fogem para a capital e a capital não tem o que oferecer. Não como no tempo em que se formou a cidade de Manchester, onde as pessoas abandonavam o campo, mas se desenvolvia a tecelagem de Manchester e de certa maneira o que se perdia no campo se ganhava na indústria. Hoje você tem um processo de urbanização caótico, extremamente exclusivo. É coisa que eu encontrei, por exemplo, em Istambul, na cúpula mundial das cidades. A caricatura mostrava um mapa da Turquia. Ali no norte, Istambul. E todo mundo da Turquia correndo para Istambul, com bagagens, com sacolas. E não é viável.

Poder Local. *Que soluções são hoje encontradas para resolver essa situação?*

Ladislau Dowbor. Você tem políticas inteligentes, como da Polônia. A Polônia teve no tempo do sistema socialista um programa de geração de infraestruturas em pequenas cidades. Teatro, cinemas, bons sistemas de comunicação de ônibus. O que reduziu a pressão demográfica sobre a Varsóvia. Então hoje a Varsóvia é uma cidade muito gostosa. E as novas tecnologias permitem uma articulação entre pequenas cidades. A Polônia é uma rede de cidades pequenas e médias, com uma capital, Varsóvia, e algumas cidades maiores. Um país que aproveitou bem o planejamento que existiu no tempo do socialismo para equilibrar sua estrutura demográfica e não gerar uma situação metropolitana explosiva.

Poder Local. *Gerir uma metrópole que era parte do Estado e agora faz parte de uma rede de cidades global, que não está nos limites do Estado, também se diferenciou a partir dessa mudança nas relações internacionais?*

Ladislau Dowbor. Eu criei em 1989 um departamento de relações internacionais na cidade de São Paulo. Na época o pessoal me gozava. Diziam: “Mas como? Relações exteriores é Itamaraty, é Brasília. Como é que uma cidade vai ter?” Em uma visita que eu fiz a Xangai em 1990, 1991, eu encontrei no departamento de relações internacionais da cidade de Xangai 140 técnicos. Só ocupados com isso. Uma cidade como Toronto tem grandes sistemas de relações internacionais. Uma cidade como Osaka, por exemplo, tem todo um sistema de relações internacionais. Se você juntar metropolização com as novas tecnologias, a Internet, as conexões que se formam, na realidade as metrópoles estão engrenando em um tecido econômico mundial interdependente interessante. Dois anos atrás nós fizemos

um balanço de atividades internacionais da PUC de São Paulo. A gente viu que em um ano nós tínhamos tido mais de 1,5 mil ações de cooperação internacional. Qualquer hospital médio tem convênios de apoio tecnológico internacional, tem programa de intercâmbio de médicos. Muitíssimas ONGs têm relações internacionais. Sem falar das universidades. E, naturalmente, os bancos, que estão permanentemente nas relações internacionais.

Poder Local. *Que não são mais necessariamente mediadas pelos Estados nacionais?*

Ladislau Dowbor. De certa maneira, não são só as metrópoles, mas no planeta está se gerando um tecido de articulações, de interdependência, que não passam pelo Itamaraty, não passam por um departamento de relações internacionais. Mas que se fazem da maneira relativamente espontânea, de todo mundo com todo mundo. Lembro dos catadores de castanha do Amapá. Eles se organizaram em cooperativa. A cooperativa fez um convênio com uma universidade de Macapá. A Universidade disponibilizou um laboratório. Em vez deles entregarem a castanha bruta para um atravessador, eles processam a castanha, extraem as essências no laboratório. E como estamos na era da Internet, vendem diretamente o produto deles para a empresa de perfumaria na França. Você imagine o aumento de valor agregado que isso significa para eles. Esse tipo de articulação, em que a cidade se torna parte de uma rede mundial, você tem desenvolvimento local sem ter o isolamento. Sem ter, digamos, o tribalismo. Porque a tendência é para uma sociedade em rede. O que muda radicalmente toda a visão do que a gente se administra. E coloca, claro, um grande ponto de interrogação sobre as funções, a médio prazo, do Estado central. ■ MARÇO 2004 | poder LOCAL 33